

nas no ponto de "partida" ou no "ponto de chegada", mas na própria travessia, em virtude do caminho que vai se construindo. Nesta travessia entram em convivência o novo e o velho, o horizontal e o vertical, o popular e o erudito, o objetivo e o subjetivo, o individual e o coletivo, o sonho e o desejo, a utopia e a topia, o trabalho e o prazer, a luta e a gratuidade, o micro e o macro, o moderno e o pós-moderno, o plural e o diferente, para, de forma dialética, construir os novos paradigmas para a sociedade.

Só é possível sermos uma Igreja construtora do Reino de Deus se estivermos abertos a esta realidade das massas excluídas, e se somarmos forças com todos os segmentos sociais existentes: movimentos populares, políticos, culturais, instituições... A meta é trabalhar a realidade dos excluídos que "ainda não reconquistaram a sua subjetividade, a sua dignidade, para que eles possam sair da sua condição de 'massa' e se transformar em sujeito social, participando de algum movimento social organizado"(2).

Termino com um poema do escritor moçambicano Armando ARTUR, que me alimentou nos últimos tempos frente à crise dos paradigmas e na urgência de viver e urgência de ser:

*É urgente inventar novos atalhos,
acender novos archotes
e descobrir novos horizontes.*

*É urgente quebrar o silêncio,
abrir fendas ao tempo
e, passo a passo, habitar outras noites
coalhadas de pirilampos.*

*É urgente içar novos versos,
escalar novas metáforas
e trazer à tona esperanças
recalcadas pela angústia.*

*É urgente partir sem medo e sem demora
para onde nascem sonhos.
Buscar novas artes
de esculpir a vida.*

NOTAS

(1) IPEA, Brasil, *Indicadores sociais*, 1992, p. 5

(2) MO SUNG, J., *Texto de preparação para o próximo Intereclesial*, previsto para 1997

(3) Nota do Redator: Ver, do autor deste artigo, um estudo anterior, no nº 13 desta revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS 1992/2, p. 7-9): GROH, Wilson, *Moradia, condição para a cidadania*.

Endereço do Autor:

*Comunidade do Mont Serrat
rua General Vieira da Rosa s/n
caixa postal 3877
88020-970 FLORIANOPOLIS, SC*

Fraternidade e Excluídos

Os Excluídos e as CEB's

*Verônica Velho Haas
Estudante de Teologia do ITEPA
Representante das CEBs do Regional Sul IV*

DE "POBRES" PARA "EXCLUÍDOS"

A

té há pouco não era muito comum ouvir falar em "excluídos". O termo mais utilizado era "pobres". As mudanças de palavras significam, muitas vezes, mudanças na realidade ou na maneira de compreender a realidade. É este o nosso caso.

Se olharmos individualmente, parece que não houve muita mudança. Quem era pobre continua sendo pobre. Provavelmente ficou um pouco pior. Mas, se olharmos noutra perspectiva, podemos notar mudanças importantes.

Antes, principalmente até o final dos anos 70, havia no Brasil uma grande esperança no crescimento econômico. Achava-se que, com o desenvolvimento econômico, os pobres deixariam de ser pobres, ou, pelo menos, seriam menos pobres e teriam uma vida melhor. Havia uma espe-

rança no ar. Os pobres também participavam dessa esperança. Muitos deixaram o seu lugar de origem em busca de tempos melhores nas grandes metrópoles. Isto é, os pobres se sentiam à margem do progresso econômico, mas tinham vontade e esperança de fazer parte dele.

Com a crise econômica e social dos últimos 12 anos, as coisas mudaram. As esperanças não se realizaram. A minoria rica continuou enriquecendo cada vez mais e a grande maioria, que ficou ainda mais pobre, foi percebendo que não havia lugar para eles no modelo de desenvolvimento econômico adotado no Brasil. E alguns cientistas sociais passaram a usar a palavra "excluídos" para falar dos pobres. E esse termo pegou, porque as massas se sentem realmente excluídas.

EXCLUÍDOS DE QUÊ?

Quem é excluído, é sempre excluído de alguma coisa. Os pobres não foram excluídos do país, nem da sociedade. Pois continuam sendo brasileiros, e vivem na sociedade brasileira. Em primeiro lugar, os pobres são excluídos do mercado. Isso, porque só entra no mercado quem é consumidor, quem tem dinheiro para comprar, ou, então, quem é vendedor de alguma mercadoria.

Com a difusão da economia capitalista por todos os cantos do Brasil, tudo passou a ser regido pelas leis do mercado. Tudo se compra e se vende. Como todos os bens necessários para viver são vendidos no mercado, só tem direito a viver quem tem acesso ao mercado, isto é, quem tem dinheiro para comprar. Estar excluído do mercado é estar excluído da possibilidade de viver. É estar excluído dos benefícios do desenvolvimento econômico e social do país.

Até do lazer mais simples os pobres estão sendo excluídos. Vejamos um exemplo. Algum tempo atrás, as praças centrais das cidades do interior eram lugares de encontro entre as pessoas, especialmente jovens, para caminhar, conversar, paquerar e outros passatempos. Hoje, com a chegada da lógica do mercado, as praças foram invadidas por bares, lanchonetes e outros estabelecimentos que exigem dinheiro para neles se adentrar. Os jovens não caminham e nem sentam mais nas praças, pagam para sentar nas mesas dos bares. Os que não têm dinheiro ficam olhando, com inveja, dos bancos das praças.

Os pobres não estão excluídos só do mercado consumidor e do lazer. Eles também foram excluídos das prioridades do desenvolvimento econômico e dos gastos do governo. Com a implantação de políticas neoliberais, tudo passou a obedecer à lógica do mercado. E uma característica fundamental desta lógica é que toda produção econômica deve estar voltada para satisfazer os desejos dos consumidores. O que significa que as necessidades básicas dos pobres, que não são consumidores, não fazem mais parte da economia. É mais importante produzir, por exemplo, comida para cachorros e gatos de ricos, do que comida para pobres, pois esses não têm dinheiro para pagar.

Além disso, com o neoliberalismo, a política econômica do governo também deve estar direcionada para o fortaleci-

mento das leis do mercado e não mais para resolver os problemas sociais do país. Tudo isto significa que a vida dos pobres foi excluída das preocupações daqueles que dirigem a economia e a política do país.

CULPABILIZAÇÃO DOS EXCLUÍDOS

Ser excluído do sistema de mercado consumidor e dos benefícios do desenvolvimento econômico e social não afeta somente o corpo das pessoas. Afeta profundamente também a sua maneira de ver e perceber o mundo, as pessoas e a si mesmas.

A sociedade capitalista é movida pela propaganda que estimula as pessoas a comprarem cada vez mais. É como se as pessoas fossem mais pessoas por causa das compras. Numa sociedade assim, não poder comprar, não poder satisfazer o desejo de compra, impulsionado pelas propagandas que chegam a todos os recantos do país, é experimentar um sentimento de frustração e fracasso, o sentimento de ser menos gente. Por exemplo, quando um pai não pode atender a nenhum pedido do seu filho que pede os brinquedos que vê nas propagandas, ele se sente culpado pela sua incapacidade.

A culpabilização das vítimas, os excluídos, se dá por um mecanismo ideológico muito importante. A sociedade capitalista prega que todos têm liberdade de fazer o que querem e que "querer é poder". Dizem: basta ter competência e força de vontade! Segundo essa lógica, se o pobre não pode comprar é porque ele, no fundo, não quer de verdade, não tem força de vontade e não tem competência. Daí concluem que os fracos de vontade e incompetentes merecem o seu sofrimento e a sua frustração.

Como os pobres, excluídos do mercado e de qualquer oportunidade para se capacitar, para competir no mercado, não conseguem perceber a falsidade desta lógica perversa do capitalismo, acabam aceitando a culpabilização. Assim, de vítimas de um sistema desumano, passam para culpados.

Outro fato que aumenta o sentimento de culpa dos pobres excluídos é a sua forma "ilegal" de sobrevivência. No capitalismo, a forma "legal" de trabalho está identificada com o mecanismo do mercado. Como os excluídos do mercado formal de trabalho precisam sobreviver, acabam exercendo atividades que a sociedade considera "suja" ou "ilegais". Assim, sentem-se ainda mais culpados.

A expressão "sou pobre, mas honesto" nos revela uma característica moral muito importante do nosso povo pobre. Felizmente, muitos deles ainda não perderam os verdadeiros valores morais; mas, por não perceberem a perversidade da "legalidade" capitalista, acabam sentindo-se mais culpados ainda.

Sentimento de frustração e de culpa e a auto-imagem de fracasso são características que oprimem ainda mais a massa de excluídos. Quem se sente culpado, frustrado e fracassado, dificilmente encontra forças para lutar pelos seus direitos. Sente-se sem dignidade humana, que é a fonte dos direi-

*"Alguns
cientistas sociais
passaram
a usar a palavra
'excluídos'
para falar
dos pobres"*

tos humanos. Por isso não se sente com direitos pelos quais lutar.

Além disso, por causa da ideologia capitalista, os excluídos têm dificuldade para perceber que os seus problemas não são problemas individuais, nem que os problemas dos grupos de pobres que conhecem são somatórias de problemas individuais. Por causa da ideologia dominante e da invisibilidade dos mecanismos econômicos, não percebem que são frutos de uma lógica econômica excludente e opressora. Não percebem que os problemas são coletivos e que a solução só vem de uma luta coletiva em torno de um projeto sócio-político.

A DIGNIDADE HUMANA DOS EXCLUÍDOS

Na medida em que sou reconhecida como pessoa é que eu me percebo com dignidade humana. O grande problema dos excluídos é exatamente o fato de que eles são excluídos das relações sociais "normais" da sociedade, não são reconhecidos com dignidade para participar destas relações.

A criação de espaços sociais onde os excluídos são reconhecidos como pessoas é fundamental para superar esta situação desumana de exclusão e de negação da dignidade humana dos excluídos. As comunidades eclesiais têm um papel fundamental nesta tarefa. A acolhida de pessoas que não têm dignidade humana reconhecida na sociedade é o grande gesto profético das comunidades. Quando, por exemplo, uma mulher excluída é chamada por seu nome e tem direito à fala e é ouvida por outras pessoas da comunidade, ocorre uma grande revolução na consciência e na vida dela. Ela passa a se perceber com dignidade, reconquista a sua subjetividade e se descobre vítima de uma sociedade excludente, e não como culpada. Assim ela pode passar a participar de lutas pela defesa dos seus direitos, porque se sente com direitos, que não estão sendo desrespeitados.

O inverso também é verdadeiro. Quando as comunidades eclesiais excluem explicitamente ou não fazem esforço para romper com a lógica da exclusão, legitimam religiosamente o fenômeno da exclusão e reforçam ainda mais o sentimento de culpabilidade das vítimas da exclusão. É como se até Deus lhes virasse as costas (1).

MASSA OU MASSAS?

São muitas as "massas". Faz-se necessário uma conceitualização das massas para identificarmos a massa dos excluídos, lugar emergente do compromisso cristão, no momento histórico em que vivemos.

O conceito de "massa" é muito amplo. Um primeiro sentido é de algo que não tem forma definida, por exemplo: a "massa do pão", quando deixa de ser manipulada, já não é mais massa, e sim pão. É a "massa d'água" - o temporal, a "massa bruta" - pedra grande, "massa falida" - clientes de um banco que faliu. Esta palavra tem um leque de significados muito grande.

De um modo mais consensual, podemos definir "massa" como uma multidão solta que vai por instinto, que não pensa, e gera comportamentos incompreensíveis e incontroláveis: é a turba.

Os conceitos mudam com o tempo, devido às conjunturas. Dez ou doze anos atrás, se falava da "massa dos oprimidos". Esse foi um conceito que apareceu em Medellín e que

desapareceu. Hoje se fala da massa dos desempregados, dos excluídos, para se referir à massa sobrando, ao mercado de consumo, aos sem-teto, aos sem-terra, sem-comida, sem-trabalho.

Este é um conceito de nível econômico. Mas, dentro dessa "massa sobrando", excluída, começa a brotar algo novo: organizações de meninos e meninas de rua, de sem-terra etc.

Outro conceito é de nível político. Até 1988 podíamos falar da "massa" que não podia votar porque era analfabeta. Agora falamos da massa que não tem participação política. A maioria da massa eleitoral não está vinculada a partidos, a movimentos sociais, a ideologias. Um exemplo é COLLOR, que ganhou as eleições graças às massas indefinidas politicamente. Esta massa está aberta a diversos tipos de manipulação, sendo totalmente vulnerável.

Este conceito surgiu com os estudos de sociologia da "massa", com HITLER na Alemanha, que manipulava a massa, graças à propaganda oficial. Esta se vale principalmente dos MCS, que não apelam aos pensamentos mas à emoção. As pessoas desorganizadas politicamente se apresentam como massa disponível.

A nível social, podemos classificar a massa segundo o estrato social: é a massa dos trabalhadores, dos operários, dos agricultores. Também podemos classificar a massa pelo constitutivo étnico: a massa indígena.

Mas podemos falar ainda do conceito pedagógico de massa. Não é o mesmo, trabalhar com um grupo pequeno e trabalhar com a massa: com uma turma de 25 e com uma de 50. E é então que nos perguntamos: Que fazer, para atingir a massa? Que fazer, do ponto de vista religioso, diante da "massa católica"?

Comunidade Eclesial de Base, CEB, não é massa, pois é um grupo diferenciado. Antes, ela é o contrário da massa, embora esteja em relação com a massa. Na CEB se entra por opção, enquanto na massa não existe opção. Quando se fala que está aí a "massa" que só procura os sacramentos, não é massa, mas gente que, fazendo parte da massa, dela sai quando precisa dos sacramentos e depois volta de novo para a massa. Quando o povo começa a se organizar, ele deixa de ser massa e passa a ser povo. Quando falamos de romarias, assembleias, nos perguntamos: Isto é "massa"? Não, pois se ela começa a participar, a se organizar, já deixa de ser massa.

Foi falado que há semelhanças entre a religião vivida pelo povo das CEBs e a do povo fora das CEBs. A semelhança é a fé, que faz as pessoas tocarem, dentro ou fora das CEBs, as realidades em que acreditam, com as mesmas expressões. Por outro lado, há aspectos em que ambas diferem. E são diferenças significativas (2).

*"Quando o povo
começa a se
organizar, ele
deixa de ser
massa
e passa a ser
povo"*

A AÇÃO PASTORAL DA IGREJA E OS EXCLUÍDOS

"A Igreja católica da América Latina fez opção preferencial pelos pobres... e os pobres fizeram opção pelas igrejas pentecostais!" Para este fenômeno surgiram explicações em diversos níveis (penso não ser necessário repeti-las nesta revista). Trago à tona alguns pontos que julgo serem erros de base, na base, constatados em nossa prática pastoral: a falta de preparação dos agentes para a relação com a dor do povo, com o sentimento do povo. A linguagem da Igreja é tão complicada que poucos universitários a entendem.

Mas não penso que tenhamos de concorrer com outras Igrejas. Nossa preocupação deve ser:

a) com o distanciamento da Igreja, principalmente em relação aos excluídos. Estes são o lugar da Evangelização de Jesus Cristo: "*Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres...*" (Lc 4,18, citando Is 61,1);

b) com a teorização, a tecnicidade e o ativismo de alguns agentes de pastoral e seu conseqüente cansaço;

c) com a falta de paixão, de com-paixão: Jesus e seus discípulos, quando chegaram ao lugar do pretendido repouso, encontraram uma multidão de famintos... e Jesus *teve compaixão, porque "estavam abatidos, como ovelhas sem pastor"* (Mc 6,30-44). Este sentir a dor do povo fez Jesus e seus discípulos esquecerem o próprio cansaço.

A formação dos agentes, clero e leigos, é pouco voltada para o sentimento do outro, para a sensibilidade. Predomina a doutrina, a disciplina e a moral, que muitas vezes acabam entervando o desenvolvimento do Projeto de Deus na construção do Reino, com um legalismo arcaico e desumano. E o principal alvo do

**"E o principal
alvo do legalismo
da Igreja são
exatamente os
excluídos"**

legalismo da Igreja são exatamente os excluídos!

As forças vivas da Igreja são setorizadas, fechadas em recintos, ainda não conseguem expressar o rosto de uma Igreja catarinense libertadora, que esteja voltada para o "lugar" da Evangelização.

LUZES NO HORIZONTE

Se por um lado constatamos falhas na ação pastoral em relação aos excluídos, por outro lado percebemos setas indicando saídas:

- Vemos a Igreja do Brasil tomando posição política em defesa de um Projeto de Vida para o povo sofrido. A CNBB Regional Sul IV, criando uma Pastoral Política conscientizadora, para ajudar a libertar o povo da manipulação dos poderosos.

- As Campanhas da Fraternidade dos últimos anos, e a do próximo ano, 1995, com o tema "**Fraternidade e Excluídos**", o 8º Intereclesial de CEBs, sobre culturas oprimidas, e já o 9º Intereclesial, em 1997, com o tema "CEBS e Massas", vêm de encontro ao clamor do povo que anseia por Terra, Teto, Pão e Vida.
- Os organismos da Igreja: Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde, Pastoral da Terra, Pastoral Operária, Pastoral Carcerária e outras, e os movimentos populares, entre os quais ressalto o Movimento dos Sem-Terra, que surge das últimas instâncias da miséria humana, tirando os trabalhadores rurais do submundo, devolvendo-lhes a dignidade e a vida.
- Enfim, as próprias CEBs, novo jeito de Ser Igreja e novo jeito de viver a Fé.

EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA

Escrevo esta parte final do texto enquanto estou vivendo dentro do acampamento dos trabalhadores sem terra acampados na Fazenda Parolim, no município de Santa Teresinha, SC.

Não tenho dúvidas. Deus armou sua tenda no meio desta gente (cf Jo 1,14: *E a Palavra se fez carne...*). Estão aqui 260 famílias, cada uma com sua história de sofrimento e luta e uma certeza na mente: a terra é de Deus, somos seus filhos e queremos nossa parte... "Lutar até o enfrentamento, se for necessário, mas nossos filhos não haverão de mendigar na cidade!"

Perguntei a seu Sebastião o que o levou à luta por terra. "*Pois óia, eu sofri um acidente de trator e quase morri. Lá no hospital comecei a pensar: se hoje eu tivesse morrido, minha família não tinha onde recostar a cabeça. Meu patrão era um pai, eu era o homem da confiança dele. Mas vou dizer pra você: o desejo de dar segurança pra minha família é mais forte que a amizade do patrão.*"

Dona Margarida diz: "*Antes de sair de casa fiz uma oração; sei que Deus é como uma choca que ampara seus pintinhos debaixo das asas; se chegarem os pistoleiros ou a policia, não tenho medo, Deus é mais forte e protege a gente.*"

Nestes dias, no acampamento e com a evangelização de Dona Margarida, vejo minha barraca como asa de Deus. Nesta gente que ri, não entendo por quê, vejo como o sorriso de Deus.

Oxalá aqueles setores da Igreja, demasiado preocupados com seus problemas internos e com a ação voltada para a restauração da imagem coletiva da catolicidade, se preocupem mais com o Projeto do Reino, para a restauração da Vida do Povo de Deus.

NOTAS

(1) Texto de Jung MO SUNG, enviado para debate na reunião da Equipe Ampliada Nacional das CEBs, a realizar-se em dezembro do corrente ano

(2) Texto de Pe. Oscar BEOZZO, constante no relatório do Seminário Nacional de CEBs realizado em Goiânia, de 30-1 a 5-2 do corrente ano

Endereço da Autora:

*Irua Nelson R. Brasil, 114
caixa postal 114
88400-000 ITUPORANGA, SC*

Fraternidade e Excluídos

A Mulher no Mundo dos Excluídos

*Marta Magda Antunes Machado
Ex-aluna, graduada em 1993*

A modernidade - com a abrangência de sua significação - provocou as mais diferentes crises na história da humanidade. Suscitou novas mentalidades, questionou valores e acordou o mundo feminino em meio às transformações sócio-político-econômicas. A mulher conquistou seu espaço e fez valer seus direitos, descobriu sua força, até então reprimida pelas mordidas do sistema patriarcalista. Enfim contribuiu para que viesse à luz a fragilidade das relações humanas no contexto da assim chamada "sociedade pessoal". Mas a modernidade pode ser compreendida também como a aurora de todos os desafios que hoje arrostam a inteligência humana. Ou seja, as mulheres e os homens deste final de século são chamados a repensar o seu agir e os esquemas antropológicos que estão na origem de seus conflitos.

O Evangelho responde aos apelos de nossa epocalidade, à medida que nos exorta ao compromisso com o próximo (cf 1Jo 4,20s) e à qualidade da vida humana (cf Jo 10,10). Diante da complexidade dos problemas que afligem a sociedade hodierna, devemos voltar-nos para o grande número de excluídos, mantidos na ignomínia da pobreza, do preconceito e da discriminação social. Dentre estes estão **as mulheres, excluídas** por sistemas de idéias e práticas machistas, lutando - é certo! - contra os seus efeitos desintegradores da pessoa, e denunciando, por sua postura, um dos pecados do nosso tempo.

A MULHER NA SOCIEDADE E NA IGREJA

O papel da mulher é e será sempre muito importante para a vitalidade de todas as organizações humanas. O sistema patriarcalista tratou de subjugar as qualidades femininas à dominação do homem, como centro das decisões sócio-políticas. A discriminação da mulher foi ainda agravada pelas concepções filosóficas que reforçaram a idéia da superioridade masculina, segundo uma visão dualista e reducionista sobre mulher e homem. Mas a mulher acompanhou a história e, não obstante ter também ela aceitado por muito tempo o peso da inferioridade, chegou à consciência de sua

dignidade e fundamental importância para a realização do gênero humano.

A Revolução Industrial foi o marco efervescente das inúmeras transformações acontecidas no mundo. A partir de então os homens tiveram de enxergar e reconhecer a capacidade da mulher para além dos limites do lar e das funções de mãe-esposa. O processo de emancipação feminina foi lento, sem dúvida, e não está acabado, porque o ser humano terá que buscar continuamente sua libertação.

Contudo, temos de reconhecer o resultado desse processo no interior das sociedades. Aos poucos, a mulher passou a integrar os movimentos de luta, reivindicando para si espaços de atuação, dignidade humana e direitos igualitários, entre mulheres e homens. Cresceu seu poder de convencimento junto ao mundo masculinizado, porque ela redobrou seus esforços para acompanhar as exigências da modernidade.

A mulher deixou registrada na história a eficácia da sua presença nos diferentes setores da estrutura social. Não se acovardou diante dos preconceitos e das críticas. Mesmo assim ela continua sendo excluída pelo comportamento machista daqueles que insistem em reduzi-la ao papel de coadjuvante de menor importância. Muitas mentalidades guardam a marca deste preconceito: tudo o que é masculino, e só o que é masculino, é melhor, superior.

Vemos, hoje, que a mulher enfrenta os mesmos desafios assumidos pelo homem: trabalho, educação, cultura, cargos públicos, engajamentos políticos etc. Ela se envolve, procura conhecer os fatos e viabilizar propostas de mudança. Sobre tudo nos meios mais empobrecidos, está lá a mulher enfrentando as dificuldades da sobrevivência, segurando muitas "barras" (às vezes, o desânimo e a bebedeira do companheiro) e confirmando a sua resistência humana na missão que assumiu.

Além disso, a mulher carrega a difícil responsabilidade feminina de ser ela quem cuida da casa, do marido, dos filhos, de sua beleza, da sexualidade, dos múltiplos afazeres domésticos deixados aos seus cuidados. Estes fatores, facilmente absorvidos pelo senso comum, escondem a dicotomia no nível das relações humanas mulher-homem. E quanto mais pobre, mais injustamente explorada.